

RESENHA/REVIEW

MACHADO, A. R. (1998) *O diário de leituras. A introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 263 p.

Resenhado por/by Angela B. KLEIMAN (*Universidade de Campinas*)

KEY WORDS: Discourse; Text Genre; School Situation.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Gênero de Textos; Situação Escolar.

Este livro trata do desenvolvimento e utilização de um novo gênero didático - o diário de leituras. O objetivo didático, ligado à formação de leitores reflexivos, fundamenta-se numa pesquisa apoiada num modelo de análise de discurso de base sócio-interacionista que postula, como elemento central da atividade da linguagem, a existência de gêneros portadores da experiência social, em constante transformação pelas exigências e parâmetros da ação social em curso, neste caso, a interação didática. A combinação, muito feliz, que a autora realiza entre os objetivos teóricos, de um lado, visando à descrição de um novo gênero e os objetivos aplicados, de outro, visando a avaliação crítica da experiência que possibilitou o estudo do diário de leituras como instrumento didático, faz deste livro leitura essencial tanto para teóricos da área do discurso quanto para alunos de cursos de Letras e docentes engajados no ensino de leitura e produção de textos no contexto universitário.

O estudo - que foi apresentado como tese de doutorado no Programa de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUC-SP - está dividido em duas partes, precedidas de uma breve introdução geral, em que constam os objetivos do trabalho. Consta também um prefácio, escrito por Jean-Paul Bronckart, co-orientador do trabalho e autor do modelo de análise de discurso utilizado, no qual se tecem considerações sobre a relevância da pesquisa tanto para a difusão e reflexão crítica do modelo de produção de discursos que fundamenta o trabalho, quanto para a pesquisa educacional. A base empírica do estudo é constituída por setenta e nove textos produzidos por alunos do primeiro ano de Jornalismo da PUC-SP.

Na primeira parte, composta de dois capítulos, a autora apresenta os fundamentos teóricos subjacentes ao uso do diário de leituras enquanto instrumento educacional. No Capítulo 1, *Ação e Gênero de Textos*, a autora relaciona o conceito de ação comunicativa de Habermas (1981) à noção de

gêneros de Bakhtin (1953), retomada no modelo de análise de discursos na perspectiva interacionista-social proposto pela escola de psicologia de linguagem de Genebra. O segundo capítulo, *O Gênero Diário e sua Utilização na Prática e na Pesquisa Educacional*, apresenta as características do gênero diário, procurando, nas situações de produção diarista ao longo da história e nas suas características textuais, os elementos comuns dos gêneros íntimos. Dentre essas características, a autora destaca: a construção de um superdestinatário, cuja representação fugiria às normas e convenções sociais, e os aspectos estilísticos relacionados à subjetividade e à expressividade informal e privada, que marcam uma pouca preocupação com procedimentos de textualidade. Resta determinar se os diários produzidos em situações didáticas partilham esses traços do gênero e do estilo, questão que fica para a pesquisa, apresentada na segunda parte do livro.

A segunda parte está dividida em seis capítulos. No capítulo 3, *O Quadro Teórico da Análise dos Textos*, a autora expõe a teoria do funcionamento dos discursos de Bronckart (Bronckart, 1994), complementada com a teoria de análise textual de Adam & Petitjean (1989) e Adam (1992). Trata-se de um quadro teórico complexo, claramente apresentado, cuja pertinência e adequação são demonstrados nos capítulos analíticos.

A teoria de funcionamento dos discursos toma como unidade psicológica central o conceito de ação, unidade que pode ser descrita mediante a identificação dos parâmetros da situação de comunicação e do conteúdo temático mobilizado pelo agente produtor do texto, podendo se concretizar, portanto, em diversos textos, com diversas características lingüísticas. Essas duas representações dos agentes produtores – de determinados parâmetros da situação de produção (material e de interação social) e dos conteúdos – formariam uma base de orientação para as escolhas a serem expressas através do texto: gênero, tipo discursivo, estabelecimento de coerência.

Por sua vez, essas escolhas determinam outras. Por exemplo, as opções relativas aos tipos de discurso envolveriam operações para constituir o mundo discursivo, o grau de implicação da situação material, a escolha de um tipo de seqüencialidade, ou seja, um plano do discurso. As oposições relativas à escolha do mundo discursivo envolvem situar as referências num mundo distante ao da situação de material de produção (disjunção) ou num mundo conjunto ao da interação social (conjunção), enquanto a escolha do grau de implicação da situação material de produção envolve decisões sobre integrar no texto referências aos parâmetros da situação de comunicação (implicação)

ou não integrá-las, produzindo-se um texto autônomo em relação a esses parâmetros (autonomia). Os quatro grandes tipos de discurso propostos pela teoria resultam das combinações entre essas diversas oposições: os discursos do eixo do EXPOR (conjunção) - interativo (implicação) ou teórico (autonomia) - e os discursos do eixo do NARRAR (disjunção) - o relato interativo (implicação) ou a narração (autonomia).

Esse quadro teórico – parcialmente resumido aqui - é complementado com a noção de seqüencialidade (Adam & Petitjean, 1989, Adam, 1992), isto é, o conjunto de seqüências convencionalizadas para a organização cognitivo-discursiva do tema, que determinam a reestruturação lingüística do conhecimento que resulta no texto. Considerável espaço é dado ao tratamento das seqüencialidades descritiva e explicativa, uma vez que essas são as predominantemente encontradas nos textos do corpus.

O Capítulo 4, *Questões Metodológicas*, fornece dados sobre os sujeitos, os instrumentos de coleta de dados e sua contextualização, e os procedimentos analíticos. Estes últimos consistem em três procedimentos maiores, cada um dos quais é objeto de análise em capítulos posteriores. São eles: identificação das unidades de informação a fim de se identificar as representações dos alunos sobre a situação (capítulo 5), seleção das unidades lingüísticas a serem analisadas e levantamento de freqüências de cada unidade (capítulo 6); análise do plano do texto e da organização seqüencial (capítulo 7).

O Capítulo 5, *Representações sobre os Parâmetros da Situação de Comunicação sobre o Diário de Leituras*, focaliza as “teorias diaristas” particulares encontradas nos diários dos sujeitos da pesquisa, a fim de se compreenderem os problemas com que os alunos se depararam, em relação aos temas, à relação entre locutor e interlocutor (o professor), e ao processo de articulação leitura/escrita. A diversidade de representações que os alunos se fizeram da situação aponta para a diversidade das soluções e, portanto, dos textos produzidos, questão abordada no capítulo seguinte.

O capítulo 6, *Características Discursivas dos Textos Produzidos*, classifica a produção diarista dos alunos em três grandes grupos, tomando como base para a classificação as unidades lingüísticas presentes e/ou ausentes nos diferentes diários. No primeiro subconjunto, “Grupo Mais Teórico (GT)”, os textos são construídos autonomamente em relação à situação de comunicação, com presença marcante de frases declarativas e ausência de elementos dêiticos de pessoa, tempo ou espaço. O outro grupo de textos, que

contêm segmentos de discurso interativo, é dividido em dois subconjuntos, segundo a presença e frequência de unidades que implicam a situação de comunicação, em “Grupo Interativo com marcas do destinatário (GICD)” e “Grupo Interativo sem marcas do destinatário (GISD)”. Todos os textos estão constituídos por discursos da ordem de EXPOR, embora nos textos interativos haja trechos dos mundos discursivos da ordem de NARRAR.

O Capítulo 7, *A Organização Seqüencial e os Planos de Texto*, apresenta as diferentes formas de plano global de texto e de organização seqüencial encontradas nos três grupos de diários identificados no capítulo anterior. A análise é bastante detalhada a fim de “auxiliar outros profissionais que queiram utilizar a teoria adotada para fins didáticos ou de pesquisa.”(p. 165). O detalhamento e minuciosidade da análise dificulta a percepção das regularidades, ficando a impressão de uma forte heterogeneidade tanto na organização seqüencial e no plano global, quanto no tipo de seqüências escolhidas. Entretanto, a autora tem o cuidado de apresentar um quadro-resumo em que os vários subtipos de seqüências são eliminados, evidenciando-se, assim, que, no conjunto de textos produzidos, há forte predomínio de seqüências explicativas e descritivas e que, nos textos interativos, há predomínio de descrições de texto e de ação. A heterogeneidade se mantém em relação ao plano global, que pode ou não estar presente nos textos. Cabe apontar também que a análise permite evidenciar problemas na teoria da organização seqüencial, primeiro porque os critérios de identificação de seqüências não são facilmente aplicáveis e porque a própria noção de seqüência deve ser questionada, já que os textos não são construídos em seqüências completas, mas em fragmentos de seqüências.

No capítulo final, *Conclusões*, a autora, primeiramente, tece considerações sobre os resultados da pesquisa, para depois apresentar uma reflexão teórica sobre a contribuição da pesquisa aplicada na análise da reestruturação e constituição de gêneros na instituição didática.

Quanto ao estatuto do diário de leitura, a autora aponta que as regularidades na construção dos textos (tal como apresentadas nos capítulos 6 e 7) pareceria ser evidência de uma transposição das características típicas do gênero de diário privado para um gênero ainda em constituição - o diário de leitura. Entretanto, ela argumenta que, ao se levar em consideração a incompatibilidade existente entre os parâmetros das situações de produção do diário íntimo e do diário institucional, outras conclusões parecem mais plausíveis. Assim, para a autora, outros gêneros indexados à situação escolar,

como o resumo, a resenha crítica e a dissertação, seriam também gêneros dos quais o aluno se serve na sua produção diarista. Tal combinação explicaria a existência dos diários mais teóricos e a enorme variação dos textos produzidos quanto à implicação dos parâmetros da situação no diário de leituras.

Por outro lado, também tiveram influência na produção as instruções didáticas que precederam a produção dos textos, que traziam implícito um modelo pré-teórico que guiou as produções dos alunos para a descrição e para um diário reflexivo: “À medida que lê, vá escrevendo como se fosse para você mesmo(a). Descreva o que o texto traz de interessante tanto em relação à forma quanto ao conteúdo; descreva em que o texto lido contribuiu para sua aprendizagem, para mudanças em sua prática de leitura e produção ...”(p. 233).

Do ponto de vista da contribuição teórica, a pesquisa didática se constituiu como um instrumento eficaz para a análise da reestruturação e constituição de um novo gênero no contexto universitário, em que a situação de ação verbal complexa com que os alunos se deparam exige a produção de uma unidade intertextual multimodelar em função dos parâmetros da situação didática em curso. A conclusão central, decorrente da análise da situação material de produção e dos textos efetivamente produzidos é que, na produção diarista dos alunos, há exemplos “da constituição de um novo instrumento semiótico a partir de instrumentos conhecidos.”(p. 234).

O capítulo também inclui uma avaliação crítica da experiência didática. Em primeiro lugar, fica evidente a importância de pesquisa aplicada para a (re)formulação teórica. O estudo permite uma caracterização teórica do diário de leituras, gênero já utilizado com fins didáticos, porém sem a conceitualização teórica que este estudo aporta. Além disso, os procedimentos analíticos detalhados, de textos completos, levanta questionamentos importantes para os quadros teóricos utilizados.

A reflexão teórica, ao ocupar um lugar central na pesquisa, permite redimensionar o trabalho didático, entendendo-o não apenas como uma experiência local, mas como um trabalho que reflete e refrata as condições sociais da universidade e da escola brasileira, que determinam os processos de ação comunicativa aí estabelecidos. Esse redimensionamento é, sem dúvida, uma das contribuições mais importantes do trabalho, pois ele permite a utilização não ingênua de um importante instrumento de trabalho didático.

Ao contrário de outros gêneros escolares que se constituem em modelos rígidos a serem seguidos pelo aluno, o diário permitiria elaborações e escolhas muito mais variadas. Devido a essas características, sua utilização didática permitiria configurar uma situação de produção de textos através da construção em vez da reprodução, pouco comum (mas sempre desejada) na situação escolar.

No trabalho de Anna Rachel Machado vemos combinados a escolha de um problema relevante para o ensino, o domínio de um quadro teórico complexo e o rigor analítico que exige o retorno e a revisão da teoria, constituindo-se, por isso, no tipo de trabalho que deveria servir de parâmetro para a pesquisa aplicada.

(Recebido em janeiro de 1999. Aceito em março de 1999)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, J. M. (1992) Les textes: types et prototypes. Paris: Nathan.
- ADAM, J. M. & A. PÉTITJEAN (1989) Le texte descriptif. Paris: Nathan. (Nathan-Université. Etudes linguistiques et littéraires).
- BAKHTIN, M. (1953) Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp.275-326.
- BRONCKART, J. P. (1994) Analyse et production de textes. Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Éducation, Université de Genève. (mimeo)
- HABERMANS, J. (1981) Théorie de l'agir communicationnel: rationalité de l'agir et rationalisation de la société. Vol. 1. Paris: Fayard.